

RESENHA

EXCLUSIVISMO E  
INCLUSIVISMO EM  
DEBATE

EXCLUSIVISM AND INCLUSIVISM IN DEBATE

EXCLUSIVISMO E INCLUSIVISMO EN DEBATE

HISLUMIAL, Caike. **Qual é o destino eterno dos não evangelizados?** Uma introdução ao exclusivismo e ao inclusivismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024. (Coleção Teologia para todos).

## O AUTOR DO LIVRO

---

Caike Hislumial é professor no Seminário Teológico Betel Brasileiro, no qual realizou seu Bacharelado e seu Mestrado. Sua obra Qual é o destino eterno dos não evangelizados? Uma introdução ao exclusivismo e ao inclusivismo é a sua contribuição na Coleção Teologia para Todos, organizada por Rodrigo Bibo e publicada pela editora Thomas Nelson Brasil – coleção da qual tenho o privilégio de fazer parte. Assim como todos os demais livros da coleção, a intenção é apresentar uma resposta simples – mas nem por isso superficial – para uma pergunta teológica complexa: Qual é o destino eterno dos não evangelizados? Algo que – já adianto – Caike Hislumial fez muito bem, mostrando as diferentes respostas possíveis à questão.

## INTRODUÇÃO

---

De fato, o livro Qual é o destino eterno dos não evangelizados? atende muito bem ao que propõe: é uma introdução ao exclusivismo e ao inclusivismo, conforme aponta desde seu subtítulo. Sendo assim, é uma obra importante para aqueles que desejam conhecer essas duas perspectivas, as quais dizem respeito não apenas aos “não evangelizados”, mas tam-

<sup>1</sup> Doutor, Mestre, Bacharel e Licenciado em História (UFPR). Bacharel em Teologia (FABAPAR). Professor de Teologia na FABAPAR e de História nos seminários da CBB. Apresenta o quadro “História da Igreja” na Rede 3.16, da Junta de Missões Nacionais, da CBB. Editor-chefe da Pneuma: revista teológica. Brasil. E-mail para contato: professor.willibaldo@fabapar.com.br

bém à relação do cristianismo com as outras religiões, de modo geral. Não se trata de uma obra exaustiva, pois não é essa a intenção, mas um livro que traz ao grande público ideias teológicas importantes, mas pouco conhecidas para além do campo da Antropologia Missionária e da Teologia Sistemática, que são o exclusivismo e o inclusivismo<sup>2</sup>.

## AS PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA

---

Em suas breves páginas (78, para ser mais preciso), o livro consegue apresentar os pontos principais de cada visão, de forma organizada e coerente, com afirmações e insights bem fundamentados, amparados por citações de renomados autores que servem como as referências principais das respectivas concepções. Dentre os autores utilizados, destaca-se John Sanders, com seu livro *E aqueles que nunca ouviram?*, porém, o autor não fica limitado a ele, se conectando a importantes obras. E, mesmo que o autor não esconda que é defensor do inclusivismo – conforme deixa claro já no começo do livro, indicando que entende que esse dá “respostas mais consistentes” (p. 10) –, isso não afeta negativamente o livro nem o transforma em uma obra apologética dessa visão, visto que o autor sabe bem que ambas as perspectivas são falhas, e “nenhuma das duas linhas de interpretação” é perfeita ou irrefutável (p. 78).

Em sua apresentação do exclusivismo e do inclusivismo, o autor consegue provocar o leitor com questões importantes, e que vão para além da simples salvação ou não de quem não ouviu o Evangelho, como, por exemplo: “é o conhecimento que nos salva, ou é Deus?” (p. 35). Por mais que o conhecimento seja fundamental para a certeza, a fé, para a graça,

---

<sup>2</sup> O inclusivismo aqui diz respeito à inclusão da possibilidade de salvação de pessoas que não são da religião cristã, e não tem nada a ver com a “teologia inclusivista”, que visa interpretar a Bíblia de forma que não confronte determinadas práticas e opções sexuais.

parece que a atitude correta para com Deus é mais importante que o conhecimento. Saber muito e não praticar perde completamente o valor. É o caso dos demônios, que sabiam que Jesus era o Filho de Deus (Mateus 8.29) e o Cristo (Lucas 4.41), de modo que Tiago (2.19) lembra que até eles creem em Deus (p. 36).

Outra pergunta é: “Quando foi que crer em Jesus se tornou obrigatório: na ressurreição ou na ascensão?” (p. 38). Afinal, se os exclusivistas defendem que só se pode ser salvo pelo conhecimento do nome de Jesus, precisam definir uma data de corte para não colocar todos os heróis da fé do Antigo Testamento no Inferno. Por isso, Millard Erickson admite que, se os “crentes do Antigo Testamento” tornaram-se família de Deus e receberam os benefícios da morte de Cristo, mesmo sem saber e compreender os detalhes dessa provisão, é possível que o mesmo ocorra a outras pessoas. Porém, mesmo sendo inclusivista por ver tal abertura, é pessimista quanto à sua aplicação: “muitos poucos, se houver algum, chegam, de fato, a um conhecimento salvífico de Deus apenas com base na revelação natural” (p. 27).

O autor, além de expor muito bem essas questões e as diferentes respostas possíveis para as perguntas, também deixa claro que há uma história desta discussão que não pode ser ignorada, até porque tais questionamentos remontam a uma das mais antigas contestações feitas aos cristãos, apresentada por Porfírio (p. 14): se Jesus é o caminho da salvação, “o que aconteceu com os que viveram nos muitos séculos antes de Cristo vir?”. Apesar de não fazer uma apresentação da história do debate, elencando os autores cronologicamente, o autor deixa claro que se trata de perguntas “que reverberam desde os primórdios da era cristã” (p. 15), reconhecendo inclusive, a tradição que marcou a história da visão oposta àquela que ele defende.

Porém, ao mesmo tempo que fizemos destaque positivos do livro, é necessário deixar claro os limites dele, mesmo que se possa justificar, por conta do seu tamanho e intenção. O primeiro limite do livro diz respeito à

ausência de uma terceira opção, que é o pluralismo. Há apenas menções (p. 53-54), quando o autor se vale de Ronald Nash como referência, por conta deste outro trabalhar com as três hipóteses. Devo confessar, porém, que senti falta do pluralismo, principalmente por ensinar, como professor, as três perspectivas – exclusivismo, inclusivismo e pluralismo –, mas a verdade é que a ausência do pluralismo não fez tanta falta, porque é a posição que mais claramente foge do que é teologicamente condizente, não sendo nem mesmo cogitada por cristãos tradicionais – que parece ser o público principal do livro.

O segundo limite do livro é a falta de uma exposição mais detalhada e prática das implicações missiológicas das duas perspectivas. Acredito, porém, que o próprio autor deve saber bem disso, visto que ele buscou remediar isso com o capítulo 9, “Missões: bênção ou maldição?”, mas que acabou ficando muito curto, com apenas 4 páginas (p. 72-75), bem como com o encerramento de sua conclusão, que termina com um chamado à ação missionária:

Ambas procuram, à luz da Palavra de Deus, responder à seguinte questão: há esperança para os povos não evangelizados, caso morram nessa condição? O exclusivismo dirá enfaticamente “Não!”, enquanto o inclusivismo, em um tom mais otimista, dirá “Sim!”. De todo modo, inclusivistas e exclusivistas, em que pese as discordâncias, fazem coro quanto à importância das missões. E missões se faz indo, orando e contribuindo. Portanto, faça sua parte de algum modo! (p. 78).

Aparentemente, a preocupação do autor, ao tratar da relação das visões com missões, foi responder e desconstruir a falsa premissa de que os inclusivistas não precisam fazer missões, visto que as pessoas podem ser salvas sendo de outra religião. Porém, as implicações vão para além da questão de se fazer ou não missões, dizendo respeito ao modo com que fazemos missões.

Neste sentido, penso que um dos grandes exemplos de defesa missionária do inclusivismo é Don Richardson, bem conhecido e citado pelo autor (p. 31-32). A partir do livro *O fator Melquisedeque*, o autor retira ótimos exemplos, somados ainda a outros, bastante interessantes, mas sem que seja feita a conexão entre o inclusivismo e a forma de se fazer missões, tal como ele poderia ter feito. Afinal, a visão inclusivista se relaciona intimamente com uma proposta missionária que visa a inculturação ao invés da aculturação, por exemplo. Ao invés disso, o autor se limita a dar os exemplos como casos de pagãos buscando o Criador, e não enquanto espaços culturais para a pregação do Evangelho.

Apesar de ser um limite do livro, não diria que é um defeito. Até porque, talvez, a escolha do autor, por não ir por esse caminho, tenha sido para manter uma certa isenção, não escancarando tanto a sua preferência pelo inclusivismo. Para além disso, a proposta não é de aprofundamento, mas de exposição introdutória das duas visões, de modo que quem quiser se aprofundar nas consequências missionárias do inclusivismo poderá fazê-lo lendo a obra de Richardson, por exemplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Por fim, destaco que o livro é excelente, de modo que não somente aproveitei muito da leitura, mas também já o tenho incorporado em minhas aulas, bem como tenho feito intensa recomendação de leitura aos meus alunos. Afinal, assim como obras de profundidade são importantes, é fundamental que tenhamos boas introduções a temas tão complexos, mas relevantes. Deixo, portanto, meus parabéns à editora e ao autor, pela qualidade deste livro, que precisa ocupar as bibliografias dos seminários e faculdades de teologia.